

O Mundo em Desenho

Paloma Ariston tem uma longa relação afetiva com os jardins públicos do Parque Lage, lugar que frequenta desde criança. Além disso, ela começou a estudar na Escola de Artes Visuais (EAV) em 2000, onde fez diversos cursos, os quais ela considera fundamentais para sua formação como artista. Em 2014/2015, participou da mostra “Mais Pintura”, nas galerias do palacete.

Em “O Mundo em Desenho”, sua primeira individual nas Cavalariças, divide o espaço com Chico Cunha, que foi seu professor na EAV e com quem diz ter grande afinidade artística. Na exposição, a artista usa o desenho como referência à impermanência. Ela realiza isso por meio da representação, em movimento, de um jardim com plantas, pessoas e céu, fazendo referência às mudanças constantes da vida.

A obra tem múltiplas temporalidades. Nas palavras da artista: “É como se cada desenho fosse um ponto de vista diferente sobre o mesmo ambiente.” A artista junta desenhos em papéis de tamanhos diferentes (realizados previamente e escolhidos na hora da montagem no espaço), fazendo algumas intervenções sobre eles e outras diretamente nas paredes (executadas ao longo de uma imersão de cinco dias). O que une todas as imagens é o tema do jardim, sua fauna e sua flora, bem como atividades realizadas nele, desde piqueniques até a simples contemplação. Feitos com grafite, caneta esferográfica e nanquim, os desenhos, em preto e branco, contrastam com uma ideia primaveril.

Ver as representações de pessoas feitas por Paloma Ariston, usualmente, causa desconforto. São “corpos desproporcionais, padrões labirínticos, perspectivas desconcertantes”, diz a artista. Para ela, a temática de sua obra, como um todo, é: “a estranheza da vida, a estranheza na normalidade”. Ela propõe um olhar amistoso sobre um mundo inóspito. Ao fim e ao cabo, suas figuras humanas terminam despertando algum afeto, pois quase sempre estão sorrindo, parecem se divertir em meio ao caos cotidiano.

Olhando ao redor, logo tendemos a julgar a aparência dos outros. O outro é aquele que não sou eu. Alguém a quem não reconhecemos como nosso semelhante. O diferente. A alteridade - ainda que a existência do outro possa servir para definirmos a

nós mesmos: não sou aquele, e sim, este. O desconhecido costuma nos causar estranhamento, medo, até. Se o primeiro contato com o outro se dá pela emoção, posteriormente a razão intenciona qualificá-lo, classificá-lo, nomeá-lo e até, eventualmente, representá-lo. A diversidade é uma das belezas da Natureza.

O que seria a “normalidade”? Não somos nós – eu e você –, também, estranhos em um mundo conturbado?

André Sheik, setembro de 2022.